

Building the way

O ESPAÇO DA MULHER NA POESIA FEMINISTA CONTEMPORÂNEA DE RUPI KAUR

THE SPACE OF WOMEN IN THE CONTEMPORARY FEMINIST POETRY OF RUPI KAUR

Larissa Silva Nascimento¹ 
 Thaiane Gomes de Oliveira² 

RESUMO

Este artigo visa investigar a representação do espaço feminino na contemporaneidade por meio da análise da poesia de Rupi Kaur (2017), no livro *Outros jeitos de usar a boca*. A pesquisa propõe uma revisão da literatura que aborda conceitos, teorias e perspectivas relacionadas à representação feminina, explorando temas, símbolos, metáforas e linguagens utilizadas por Kaur em sua expressão artística. Assim, busca-se identificar e compreender o ciclo construído por Rupi Kaur, mapeando as etapas que representam a vivência feminina. Para embasar essa investigação, serão utilizadas teorias feministas, como as de Simone de Beauvoir (2017), de Gayatri Spivak (2010) e outras, que abordam a construção social do gênero e as estruturas sociais de poder. E, além disso, será adotada a teoria da imagem, descrita por Alfredo Bosi (2000), para delinear a capacidade da poesia de Kaur em criar imagens simbólicas e emocionais que representem as vivências femininas. Por meio desse estudo, busca-se contribuir para o conhecimento das experiências das mulheres na contemporaneidade, promovendo a valorização das vozes femininas na literatura e na arte, e fortalecendo o debate sobre gênero e equidade.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia; Feminismo; Sociedade; Literatura Contemporânea.

¹Doutora em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB)

larissa.nascimento@ifg.edu.br

<http://lattes.cnpq.br/1213046569937097>

<https://orcid.org/0000-0002-5879-3310/>

²Mestranda em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade, da Universidade Estadual de Goiás. (POSLLI/UEG)

thaianegoliver@gmail.com

[http://lattes.cnpq.br/6610200624998971/](http://lattes.cnpq.br/6610200624998971)

<https://orcid.org/0009-0006-9376-3905/>

Building the way

ABSTRACT

This article aims to investigate the representation of female space in contemporary times through the analysis of the poetry of Rupi Kaur (2017), in the book *Milk and Honey*. The research proposes a review of the literature that addresses concepts, theories and perspectives related to female representation, exploring themes, symbols, metaphors and languages used by Kaur in her artistic expression. Thus, we seek to identify and understand the cycle constructed by Rupi Kaur, mapping the stages that represent the female experience. To support this investigation, feminist theories will be used, such as those of Simone de Beauvoir (2017), Gayatri Spivak (2010) and others, which address the social construction of gender and social structures of power. And, in addition, will be used the theory of the image, described by Alfredo Bosi (2000), to outline the capacity of Kaur's poetry to create symbolic and emotional images that represent female experiences. Through this study, we seek to contribute to the knowledge of women's experiences in contemporary times, promoting the recognition of female voices in literature and art, and strengthening the debate on gender and equity.

KEYWORDS: Poetry; Feminism; Society; Contemporary; Literature.

Considerações iniciais

O espaço social feminino na contemporaneidade tem sido objeto de análise e reflexão em diversas áreas do conhecimento, como na sociologia, história, literatura e nas artes. Através dessas investigações, busca-se compreender as dinâmicas sociais e culturais que moldam a experiência das mulheres na sociedade atual, bem como explorar as vozes e as vivências femininas que têm sido historicamente silenciadas. Nesse contexto, a poesia emerge como uma forma artística capaz de expressar as nuances e complexidades dessas experiências, revelando as múltiplas dimensões do lugar ocupado pelas mulheres.

Na obra *Outros jeitos de usar a boca*, de Rupi Kaur (2017), poeta contemporânea, nascida na Índia em 1992 e naturalizada canadense, apresenta-se o retrato, de forma intensa e poética, dos ciclos que perpassam a mulher durante sua vida. O livro, publicado originalmente em 2014 e traduzido para o português em 2017, traz uma série de poemas que abordam temas como identidade, empoderamento, relacionamentos,

Building the way

violência e superação, destacando-se por sua linguagem franca, sua abordagem íntima e sua capacidade de tocar profundamente o leitor, revelando uma perspectiva única sobre o feminino.

Nesta explanação, propõe-se uma investigação do espaço social feminino na produção poética de Rupi Kaur. Desse modo, o objetivo principal é compreender como a autora retrata e interpreta as experiências das mulheres na contemporaneidade, explorando as questões que permeiam sua obra e suas contribuições para a discussão sobre a ocupação da mulher na sociedade. Para tanto, adota-se uma abordagem interdisciplinar, fundamentada em estudos de gênero, em teoria feminista e em análise literária.

A teoria feminista, com destaque para as contribuições de Simone de Beauvoir (2017), Gayatre Spivak (2010) e Djamila Ribeiro (2019), auxiliará na compreensão das estruturas sociais e culturais que moldam o espaço da mulher na sociedade e as lutas pela emancipação feminina. Será utilizada também a perspectiva de Pierre Bourdieu (2002), em relação ao campo simbólico, que nos permitirá analisar como a representação feminina na poesia de Kaur reflete e dialoga com as estruturas de poder presentes na sociedade.

Outro elemento fundamental para o estudo consiste na teoria da imagem na poesia, conforme descrita por Alfredo Bosi (2000) em seu livro *O ser e o tempo da poesia*, onde destaca a capacidade da poesia de criar imagens que transcendem o aspecto visual, adquirindo uma dimensão simbólica e emocional. Com base nessa perspectiva, analisa-se a poesia de Rupi Kaur em busca das imagens que compõem sua obra, compreendendo como essas imagens representam e expressam o espaço social feminino na sociedade atual.

Ao explorar essa representação, estimula-se a ampliação do conhecimento sobre as experiências das mulheres na contemporaneidade. Desse modo, oferece percepções relevantes para a compreensão dos desafios, das lutas e das conquistas das mulheres em uma sociedade de constante opressão. Por outro lado, também se assimilam as frequentes transformações, resistências e capacidades de contribuir para o fortalecimento da representatividade e da voz feminina na esfera artística e literária, reconhecendo a importância da poesia como meio de expressão e reflexão sobre os eventos sociais.

Qual o espaço social da mulher?

Ao longo das décadas, a luta das mulheres por igualdade de direitos e por oportunidades tem sido um tema central de algumas discussões sociais e políticas. O feminismo surge como resposta a esses debates, buscando questionar e combater as estruturas patriarcas que, historicamente, relegam as mulheres a papéis de subordinação que, por

Building the way

sua vez, limitam seu desenvolvimento pessoal, profissional e político. Seguindo essa linha de raciocínio, é necessário refletir sobre o espaço oferecido para o desenvolvimento feminino e também sobre as problemáticas que esse restrito espaço gera.

Conforme retrata Simone de Beauvoir (2017), vista como uma das mais importantes filósofas do feminismo moderno, o espaço social da mulher é caracterizado por uma condição de opressão imposta pela patriarcaldade, sociedade essa que constrói a feminilidade como um “outro” em relação à masculinidade, impondo papéis inferiores e atributos específicos para as mulheres. Beauvoir analisa que, desde a infância, as mulheres são educadas à passividade, voltadas para o cuidado do lar e para a maternidade, reforçando um estereótipo de gênero que perpetua a desigualdade entre homens e mulheres. A autora também ressalta que o ser feminino é, frequentemente, objetificado e tratado como um objeto de desejo sexual, reduzindo sua autonomia e valorizando sua aparência física, em detrimento de seu intelecto. Como destaca em:

[...] A humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo [...] Ela não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o “sexo” para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente (Beauvoir, 2008, p. 204).

Concisamente, o espaço social da mulher, segundo Simone de Beauvoir, é marcado por uma posição de subordinação, limitação e discrepância, exigida pelo sistema patriarcal. Contudo, ela ainda enfatiza a necessidade de romper com essas estruturas falocêntricas.

Assumindo o contexto acima, a teoria do sociólogo Pierre Bourdieu (2002) conversa com o teor da produção de Beauvoir. No livro *A dominação masculina*, Bourdieu (2002) também aborda o espaço social da mulher destacando como as estruturas sociais e simbólicas perpetuam a dominação masculina e restringem as possibilidades e o poder do gênero feminino. O autor argumenta que a dominação masculina é reproduzida e mantida por meio de distintas maneiras de violência simbólica, que estão presentes nas instituições, nas relações interpessoais e nos discursos sociais. Essa violência simbólica funciona como uma engrenagem do sistema para internalizar normas e valores, que influenciam nas crenças e nos comportamentos dos dois gêneros.

Na abordagem do espaço social, a família, a educação, o mercado de trabalho e a cultura contribuem para a manutenção da dominação masculina. Por exemplo, Bourdieu (2002) aponta que as

Building the way

divisões tradicionais do trabalho, tanto no mercado de trabalho quanto no campo doméstico, atribuem às mulheres os cargos inferiores e menos valorizados, enquanto os homens ocupam posições de prestígio e poder. Dito isso, a dominação masculina é tida como um fenômeno não natural e sim como um produto das estruturas sociais e simbólicas, que se alicerçam por meio de uma virilidade que precisa diminuir o feminino para se constituir. Afirmando que “[...] A virilidade [...] é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo” (Bourdieu, 2002, p. 67).

Como discutido por Simone de Beauvoir e Pierre Bourdieu, a condição feminina é historicamente marcada por processos estruturais de opressão, dominação simbólica e subalternização. Ambas as teorias contribuem para a compreensão das formas como o corpo e a identidade da mulher são socialmente construídos dentro de um sistema patriarcal que naturaliza desigualdades. Nesse sentido, a obra *Outros jeitos de usar a boca*, de Rupi Kaur (2017), pode ser compreendida como um enquadramento poético e político a essas estruturas. Seus poemas encenam um ciclo que revela tanto a violência sistêmica quanto a possibilidade de reconstrução de si.

Outro estudo relevante é o relacionado ao livro *Mulheres que correm com os lobos* de Clarissa Pinkola Éstes (2018), visto que este texto sintetiza o resgate da essência feminina e o poder interior das mulheres, encorajando-as a se reconectarem com sua força primordial e a questionarem as restrições impostas pela sociedade. Nesta produção, Estés (2018) utiliza contos e mitos arquetípicos para explorar a jornada das mulheres em busca de sua própria essência e de seu próprio poder. Esses contos revelam a intuição e a sabedoria ancestral que as mulheres possuem, mas que, muitas vezes, são esquecidas e/ou silenciadas.

A perspectiva desenvolvida por Clarissa Pinkola Estés (2018) em *Mulheres que correm com os lobos* oferece uma leitura simbólica e arquetípica do feminino, convocando as mulheres a resgatarem sua natureza instintiva, intuitiva e ancestral. Ao mobilizar sua literatura como ferramentas de autoconhecimento, Estés propõe uma jornada de retorno à essência ascendente — aquela que pode ter sido esquecida pelo processo de socialização patriarcal. Essa proposta encontra eco nos poemas de Kaur (2017), cuja escrita também se constitui como um rito de reconexão e libertação, evocando a força intuitiva, a sabedoria do corpo e a inteligência emocional.

Ao conectar os conceitos dos autores acima, pode-se enxergar a intersecção dessas concepções teóricas e literárias. Estas obras fazem um convite à reflexão sobre as inúmeras anulações que foram impostas às mulheres dentro de seu espaço social. Assim, assegura Éstes, a mulher que

Building the way

pode defrontar o patriarcado está na imagem da mulher selvagem:

[...] Onde vive a Mulher Selvagem? No fundo do poço, nas nascentes, no éter do início dos tempos. Ela está na lágrima e no oceano. Está no câmbio das árvores, que zune a medida que cresce. Ela vem do futuro e do início dos tempos. Vive no passado e é evocada por nós. Vive no presente e tem um lugar a nossa mesa, fica atrás de nós numa fila e segue à nossa frente quando dirigimos na estrada. Ela vive no futuro e volta no tempo para nos encontrar agora. (Estés, 2018, p. 14)

Dessa maneira, a imagem da Mulher Selvagem, evocada por Estés (2018), representa uma força arquetípica que habita todos os tempos e lugares. Essa metáfora potente traduz a profundidade e a ancestralidade do feminino, que resiste mesmo diante das inúmeras tentativas históricas de silenciamento e dominação. Refletir sobre o espaço social da mulher, à luz dessa imagem, é reconhecer que, embora marcadas por estruturas de poder, normas culturais restritivas e relações sociais hierárquicas, as mulheres carregam em si uma memória intuitiva e uma sabedoria ancestral que persistem. Assim como escrito por Kaur (2017), elas atravessam o tempo, rompem com os papéis impostos e reivindicam o direito de existir em plenitude. Logo, compreender esse espaço social exige a escuta das vozes que emergem dessas mulheres.

Qual o lugar de fala da mulher?

Observa-se que no âmbito dos discursos sobre feminismo e sobre gênero, o conceito de lugar de fala é fundamental para dialogar sobre o espaço da mulher na sociedade, uma vez que o acesso ao discurso e à capacidade de ser ouvida são influenciados por estruturas sociais de poder. A hierarquia social influencia a capacidade das mulheres de se expressarem e de participarem ativamente das esferas públicas, como, por exemplo, no campo literário, onde a participação feminina foi, por muito tempo, minimizada e, até, negada. Essa dinâmica de opressão reflete a estrutura social que limitava, e ainda limita, o acesso das mulheres à educação, à expressão criativa e ao conhecimento público. Atualmente, a luta contra a corrente do patriarcado se encontra expressa em diversos espaços, entretanto ainda há numerosas barreiras enraizadas na sociedade contemporânea que necessitam serem expostas, para que as demandas feministas ganhem voz.

Em seu livro *Pode o subalterno falar?*, Gayatri Chakravorty Spivak aborda a subalternidade para se referir “às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem

Building the way

membros plenos no estrato social dominante” (Spivak, 2010 p. 12). Para Spivak, o feminino, enquanto grupo historicamente marginalizado, ocupa uma posição de extrema vulnerabilidade, resultado de múltiplas camadas de opressão que incluem a colonialidade, as desigualdades étnico-raciais, as hierarquias socioeconômicas e os papéis impostos pela construção social do sexo. O discurso dominante, sustentado por estruturas de poder excludentes, atua na marginalização, invisibilização e silenciamento das vozes femininas, sobretudo quando se considera a interseccionalidade entre diferentes formas de dominação. Essa perspectiva evidencia como as mulheres, especialmente aquelas oriundas do sul global, negras e periféricas, podem vivenciar simultaneamente diversas modalidades de subalternização, o que torna suas experiências mais complexas e frequentemente apagadas nos discursos hegemônicos.

Em seu desenvolvimento, Spivak descreve o processo de opressão ao feminino de uma forma similar ao de Simone de Beauvoir, onde se comprehende o lugar da mulher como o “outro”, essa construção de gênero implica uma hierarquia em que o masculino se perpetua acima do feminino. Teorizando tais relações, Spivak (2010) levanta a questão sobre a capacidade das classes subalternizadas resistirem e conquistarem acesso ao poder de se representar. A autora diz ser imprescindível reconhecer as dinâmicas do poder, sendo que esse conhecimento é o que leva as pessoas a tomarem direções assertivas para a emancipação desses seres subalternizados. Em seu último capítulo, Spivak (2010, p. 110) fala diretamente ao público feminino e expõe a resposta de seu questionamento inicial: “A questão da ‘mulher’ parece ser a mais problemática nesse contexto”. Logo, a pensadora complementa:

[...] O subalterno não pode falar. Não há valor atribuído à “mulher” como um item respeitoso nas listas de prioridades globais. A representação não definiu. A mulher intelectual como uma intelectual tem uma tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar como um floreio. (Spivak, 2010, p. 165)

Em suma, a mulher é considerada subalterna devido à sua posição de desvantagem no contexto de uma sociedade patriarcal e colonial. Por isso, Gayatri Spivak (2010), nessa crítica pós-colonial, desafia as estruturas hegemônicas de poder, buscando compreender as condições históricas e discursivas que silenciam as classes minorizadas. Essa proposta dialoga com a poética de Rupi Kaur, onde a autora constrói versos que rompem com o silenciamento do corpo feminino racializado, transformando experiências íntimas de dor, violência e amor em linguagem acessível e politizada. Ao dar visibilidade à subjetividade de mulheres marginalizadas, Kaur recupera o direito à fala e à existência plena, exatamente como propõe Spivak.

Building the way

É possível relacionar o trabalho de Spivak com a obra *O que é lugar de fala?* de Djamila Ribeiro (2019), dado que ambas discorrem sobre espaço, voz e reconhecimento feminino. O conceito de lugar de fala, segundo Djamila Ribeiro, refere-se à posição social e às vivências específicas de uma pessoa que a qualificam para falar sobre determinadas questões. Trata-se de reconhecer as experiências individuais e coletivas, atravessadas por múltiplas dimensões identitárias e estruturais, como desigualdades de origem social, marcadores étnico-raciais, relações de poder baseadas no sexo e outras formas de diferenciação que moldam a vivência das mulheres em contextos diversos. Djamila enfatiza que o lugar de fala é fundamental para compreender as diferentes realidades vivenciadas pelos grupos marginalizados e para evitar a imposição de perspectivas externas sobre suas experiências, o que, conforme a autora, é uma problemática também apresentada na descrição de Spivak. Ribeiro (2019, p. 42) assevera que “validar esse discurso [opressivo] como absoluto significa acreditar que grupos oprimidos só podem se identificar com o discurso dominante”.

No contexto do lugar de fala, Djamila Ribeiro (2019) ressalta a importância de visibilizar a voz de pessoas que possuem vivências e conhecimentos autênticos sobre determinadas realidades, em vez de tomar a palavra por elas. Reconhecer o lugar de fala implica ouvir e valorizar essas vozes historicamente silenciadas, permitindo que sejam protagonistas na construção e na narração de suas próprias histórias. Sobre essa perspectiva, a obra de Kaur, cuja poesia nasce de experiências pessoais e coletivas marcadas por traumas, ancestralidade e resistência, a autora revela seu próprio lugar de fala como mulher racializada e migrante, subvertendo o silêncio imposto e convertendo a dor em linguagem poética. Sua escrita, ao mesmo tempo íntima e política, encarna a proposta de Ribeiro ao afirmar a legitimidade da voz que fala de si e por si.

Dessa forma, este artigo privilegia a análise da representação do espaço feminino na contemporaneidade, tomando como objeto os poemas de Rupi Kaur (2017). A obra da autora comprehende as múltiplas dimensões do feminino em sua complexidade simbólica, afetiva e social, revelando como as experiências individuais e coletivas se articulam na construção desse espaço. O foco, portanto, está na maneira como essa realidade é poeticamente expressa e refletida no cotidiano das mulheres. Ao destacar as nuances presentes na poesia de Kaur, o estudo contribui para ampliar a compreensão das formas pelas quais o espaço feminino se representa e se ressignifica no contexto atual, enriquecendo o diálogo entre literatura e estudos feministas.

Imagens da dor e do amor

Building the way

Para entender a obra de Rupi Kaur (2017), é preciso se apoiar na imagem que as poesias despertam no leitor e, para esse efeito, a explanação de Alfredo Bosi (2000) no livro *O ser e o tempo da poesia* se faz indispensável. Segundo Bosi, a poesia é capaz de criar imagens que vão além do mero retrato visual, alcançando uma dimensão simbólica e sugerindo significados mais profundos. Para ele, a imagem poética é um processo criativo que envolve a transformação da realidade por meio da linguagem, permitindo ao leitor visualizar e vivenciar experiências sensoriais e emocionais de maneira singular. Bosi destaca a importância da imagem na poesia como um veículo de expressão e comunicação, capaz de transmitir sentimentos, ideias e reflexões de forma mais intensa e subjetiva do que a linguagem prosaica. Como descreve em seu livro:

[...] Formada, a imagem busca aprisionar a alteridade estranha das coisas e dos homens. O desenho mental já é um modo incipiente de apreender o mundo. O desenho inscrito o faz com o instrumento da mão; e o fato de ser, na criança e no selvagem, um esquema, pura linha, abstração, não significa menor poder sobre o objeto; antes, é sinal de uma força capaz de atingir a estrutura que sustem a coisa, e bastar-se com ela (Bosi, 2000, p. 13).

Ao refletir sobre a imagem como forma primitiva e essencial de apreensão do mundo, Bosi destaca que mesmo os desenhos mais esquemáticos revelam uma expressão que vai além da superfície visível das coisas. Para o autor, a imagem, ao ser formada, captura a alteridade do mundo, condensando em linhas diretas a estrutura que sustenta o real. Essa concepção de imagem como instrumento de conhecimento sensível e simbólico oferece uma chave de leitura para a poesia de Rupi Kaur, cuja escrita também opera por meio de esquemas sintéticos, diretos e essencialmente visuais, buscando acessar aquilo que está na base das experiências femininas.

Nesse sentido, a obra *Outros jeitos de usar a boca* (2017) configura-se como um espaço poético onde a imagem se torna uma (re)construção do sujeito feminino. Por meio de versos concisos, Kaur delineia aspectos centrais da vivência da mulher contemporânea, como o amor, a dor, a solidão, a violência e o autocuidado. Assim como descrito por Bosi, os poemas da autora não dependem de complexidades formais para expressar a potência daquilo que representam, sua escrita direta indica a estrutura emocional e social das experiências que retrata. Com base nessa abordagem, os próximos tópicos dedicar-se-ão à análise dos quatro capítulos do livro (a dor, o amor, a ruptura e a cura) com o intuito de compreender de que forma a autora apresenta, poeticamente, os contornos e tensões do espaço feminino no mundo contemporâneo.

Building the way

No primeiro capítulo, denominado *A dor*, Rupi Kaur se aprofunda na retratação da insensibilidade que o mundo atual destina às mulheres desde sua infância. A autora expõe traumas, abusos, sofrimentos e inseguranças do ser feminino, usando as características de uma poesia metricamente livre, que produz questionamentos da realidade e confrontos ao consenso social que busca afogar os sentimentos e as experiências femininas dentro da sociedade contemporânea. Como se vê nos versos seguintes:

tentar me convencer
de que tenho permissão
para ocupar espaço
é como escrever com
o punho esquerdo
quando nasci
para usar meu direito

- *a ideia de encolher é hereditária*
(Kaur, 2017, p. 29)

O poema *a ideia de encolher é hereditária* descreve uma busca por autoafirmação e por autorização para ocupar espaço e a influência das normas sociais na construção da identidade. O poema possui sete versos curtos, o que enfatiza a concisão e a força das palavras. O uso de letras minúsculas no início de cada verso sugere uma forma de escrita mais íntima e introspectiva, indicando a expressão de um diálogo interno, criando uma pessoalidade com o possível leitor.

O tema central conversa com o que descreve Spivak (2010) sobre o subalterno, frequentemente, não ter voz por si próprio, necessitando de voz de poder que fale por esse indivíduo. Por esse olhar, Kaur representa a luta interna de se convencer que a autorização de ocupar espaço no mundo deve ser realocada pela luta por se desvincilar dessas amarras sociais. Para tal, a autora usa a imagem metafórica de “escrever com o punho esquerdo quando nasci para usar meu direito”, expressando a dificuldade de expor a própria essência ao tentar desconstruir os padrões impostos pela sociedade.

A frase final “a ideia de encolher é hereditária” sugere que a tendência a se diminuir e sentir-se inadequada é transmitida culturalmente, de geração para geração, tornando-se parte da construção da identidade da mulher a condição de dependência, como expressa Simone de Beauvoir (2017), ao reconhecer o ser feminino social como o “outro.” Entretanto, o poema carrega um tom de desafio e de resistência, representado pela ideia de usar o punho, mesmo sendo o esquerdo, reivindicando o próprio espaço de fala e de atuação na sociedade.

Building the way

Assim, ao mesmo tempo que há uma sensação de vulnerabilidade e de reconhecimento das pressões sociais que levam a sentir-se não pertencente, sendo a outra dentro do eu masculino, a escrita da última linha reforça a luta contínua contra a tendência de se diminuir. Por fim, a poesia aborda a luta interna para se aceitar e para autorizar a ocupação do próprio espaço, desafiando normas sociais que limitam a autenticidade e a expressão individual, evocando uma mensagem de empoderamento, encorajando a persistência contra a pressão social e reforçando a necessidade de liberdade para ser quem se é.

Já no segundo capítulo do livro *Outros jeitos de usar a boca*, chamado *O amor*, debate sobre romance, sexualidade, amor próprio e felicidade, o que se relaciona aos descobrimentos da adolescência. Assim, instituindo que o viver feminino não é apenas oprimido e penoso, o que torna esse o espaço mais leve do livro e traz aspectos sobre encontrar maneiras de suportar as imposições por meio da afabilidade e do intelecto. Em meio a essa composição, Kaur se utiliza de poemas diretos e intensos, como em:

ele tocou
meu pensamento
antes de chegar
à minha cintura
meu quadril
ou minha boca
ele não disse que eu era
bonita de primeira
ele disse que eu era
extraordinária
- *como ele me toca*
(Kaur, 2017, p. 54)

Os dez versos livres de Kaur carregam um sentimento significativo sobre a maneira como a mulher busca ser percebida e valorizada em um nível mais profundo e autêntico, do que simplesmente pela aparência, como ditam os paradigmas sexistas. Sua escrita delineia como se fosse uma conversa de apoio e de empatia entre interlocutoras do gênero feminino, logo, entende-se que Kaur escreve tendo como público alvo pessoas com quem pode compartilhar essas vivências representadas pela poética.

O enfoque do texto é a diferença entre o toque físico e o toque emocional. O parceiro da eu-lírica não tocou, primeiramente, a cintura, o quadril ou a boca desta mulher, mas sim o seu pensamento. Isso sugere que parte da identidade primordial da mulher está ligada à sua maneira de receber afeto, se destacando não pelo interesse sexual, e sim em uma conexão que vai além do físico, além da objetificação feminina e se

Building the way

encaminha para um reconhecimento enquanto ser humano, dando subjetividade à imagem da mulher, como visto a partir da teoria de Bosi (2000). Essa construção dialoga com a descrição do ser feminino de Clarissa Pinkola Éstes (2018) quando descreve que a mulher selvagem vive dentro da mulher moderna e que esta se identifica na extraordinariedade, e não nas amarras sociais que a fazem se diminuir à leviandade sexista.

A poesia de Kaur pode ser vista como uma reflexão sobre a valorização dos aspectos mais profundos de uma mulher em suas relações amorosas, salientando a distinção entre a atração e a conexão emocional, sugerindo que o respeito e a autenticação do intelecto podem ser uma forma mais genuína e profunda de amar. Em resumo, a poesia *como ele me toca* explora a profundidade da conexão emocional e a valorização além das aparências físicas. Ela destaca a importância de ser reconhecida e apreciada por quem se é de maneira autêntica, transmitindo uma mensagem de respeito, de valorização e de amor que vai além do supérfluo.

A ruptura e a cura

O terceiro capítulo do livro *Outros jeitos de usar a boca*, é intitulado como *A ruptura*, pois reverbera a ideia de que após seu ápice, o amor se esvai. Trata-se da parte mais agoniante da obra, já que a autora se dedica a descrever o processo de vulnerabilidade que a mulher enfrenta ao se encontrar sozinha e inserida em uma sociedade sexista que a desconsidera, percebidas na juventude e na vida adulta, como retrata em:

a agredida
e a
agressora
- *estive dos dois lados*
(Kaur, 2017, p. 111)

O poema é extremamente conciso, contendo apenas quatro versos, entretanto aborda um tema profundo e complexo sobre a rivalidade feminina, bem como as experiências das duas posições, de vítima e de algoz. O tom do texto é introspectivo e confessional, transmitindo uma sensação de autoconhecimento e de reflexão pessoal. A dualidade e a ambiguidade dos papéis de "agredida" e de "agressora" sugere que a eu-lírica experimentou tanto o papel de agredida quanto o papel de agressora em diferentes momentos da vida, o que pode ser interpretado como uma reflexão sobre a complexidade das relações humanas e a fluidez dos papéis sociais.

A autora destaca que qualquer indivíduo pode assumir diferentes papéis em diversas ocasiões, a depender das circunstâncias, o

Building the way

que condiz com o que Pierre Bourdieu explica sobre a estrutura social ao estabelecer a dominação masculina que restringe as possibilidades de poder da mulher, associando que a rivalidade feminina se constrói como uma dessas possibilidades de manutenção do patriarcado. O trecho final “estive dos dois lados” configura uma agonia de querer desatar os costumes tóxicos falocêntricos que foram atrelados a essa mulher em toda a sua trajetória, o que pode também levantar questões sobre empatia, compreensão e sororidade, que representa a relação de união e afeto estabelecida entre as mulheres. Reconhece-se, ainda, que as mulheres podem assumir os papéis que lhes foram impostos antes mesmo de se ter um pensamento crítico a este respeito.

Em resumo, o poema trata da dualidade de papéis sociais e das experiências variadas que uma mulher pode vivenciar. Ela sugere que a narradora, como as demais mulheres, não é limitada a um único papel, mas sim capaz de transitar entre diferentes posições, buscando desconstruir ambos os papéis que representam as amarras do patriarcado. Ademais, a brevidade da poesia concentra a atenção para a complexidade da mensagem central sobre as identidades e as relações interpessoais.

Partindo do pressuposto de que este capítulo, *A ruptura*, desenha um vasto repertório de superação e crescimento do ser feminino, será analisado o seguinte poema deste mesmo trecho do livro:

eu sou água
 leve o bastante
 para gerar vida
 violenta o bastante
 para levá-la embora
 (Kaur, 2017, p. 137)

Neste mesmo raciocínio sobre a dualidade de posições, esta poesia evoca imagens metafóricas para representar os sentimentos da eu-lírica, interpretando tanto a vida quanto a destruição. O texto consiste em cinco versos heterométricos e prossegue com a característica da autora de usar letras minúsculas em todo o texto, destacando a concisão das palavras e contribuindo para uma sensação direta e impactante. Novamente, a reflexão principal é a ambiguidade da mulher, que, neste caso, pode gerar vida e, ao mesmo tempo, destruir a mesma vida que gerou outrora.

Na primeira estrofe, a mulher, representada pela água a partir do título “eu sou água”, é descrita como “leve o bastante para gerar vida”, destacando seu papel vital na criação e na manutenção da vida, que seria a representação do encargo de genitora que a mulher recebe dentro da sociedade patriarcal. Em contraponto, na segunda estrofe, a “água” é

Building the way

caracterizada como "violenta o bastante para levá-la embora", ressaltando sua capacidade de causar mudanças por meio da destruição dos limites sociais, nos quais o espaço da mulher estaria apenas ligado a servir a família e a gerar herdeiros.

A autora usa uma escolha de palavras contrastantes, como "leve" e "violenta", para criar um senso da capacidade infinita da mente feminina, o que pode ser interpretado como um grito de uma mulher que deseja ser ouvida, vista e compreendida. Essa ideia acorda com o que relata Djamila Ribeiro sobre o lugar de fala, ao citar a urgência em atribuir voz às pessoas que têm vivências e conhecimentos autênticos sobre determinados assuntos, logo, as mulheres se tornam fundamentais porta-vozes das demandas feministas. Lendo a metáfora de Kaur como uma jornada que pode ser tanto construtiva quanto destrutiva, a necessidade de reconhecimento autêntico da voz da mulher, descrita por Ribeiro, se evidencia no poema.

Isto posto, a poesia *eu sou água* evoca a natureza dual da mulher como um símbolo da vida e, também, da escolha de não gerar vida. Ela destaca a capacidade da "água" de gerar e de extinguir a vida, lembrando da complexidade da existência e da importância de reconhecer as dualidades presentes nas mulheres e nos ambientes que as cercam.

Para fechar o processo de escrita das vivências femininas dentro de *Outros jeitos de usar a boca*, Rupi Kaur constrói o capítulo *A cura*, que busca representar o empoderamento da mulher, a partir de momentos mais sóbrios da vida feminina, levando a entender que é nesse amadurecimento que se estabelece o amor próprio e a sororidade. A finalização da obra mostra que, em meio às mágoas, aos medos e aos abusos que a sociedade impõe às mulheres, a resistência e a luta de gênero tornam possível enxergar a cura nas próprias práticas feministas. Isso é visto em:

você merece
se encontrar completamente
no seu ambiente
não se perder no meio dele
(Kaur, 2017, p. 167)

Com aspecto direto, a poesia é sobre a importância do autoencontro e da autenticidade em relação ao ambiente que cerca a mulher. Composta por quatro versos irregulares, enfatiza a brevidade e a franqueza da mensagem, por isso, recebe um tom de afirmação e também de conselho. A proposição do texto é a mulher se encontrar, plenamente, em seu ambiente social, sendo que a narradora destaca a necessidade de lutar para não "se perder no meio" do ambiente, enfatizando a necessidade de ter a própria identidade e o próprio espaço de

Building the way

pertencimento.

O poema pode ser interpretado como um lembrete para não ceder às pressões sociais, destacando a necessidade da mulher se reconhecer e se manter emancipada, independentemente das expectativas externas. A mensagem pode ser aplicada a várias situações, desde o ambiente profissional até relacionamentos pessoais, enfatizando a necessidade de obstinação, fechando o ciclo da escrita do livro e levando o ser feminino a refletir sobre ser pertencente ao seu ambiente.

Visto isto, as teorias supracitadas de Simone de Beauvoir (2017), sobre reconhecer a mulher como “o Outro” e a noção de Djamila Ribeiro (2019) sobre o indivíduo marginalizado, que precisa ter voz e ser ouvido, conversa com a argumentação da poesia de Rupi Kaur (2017) de que o ambiente da mulher pode, e deve, ser decidido por ela mesma, enfatizando que o empoderamento e a luta por equidade é sobre escolha autônoma e contra as imposições sociais.

Considerações finais

A poesia feminista contemporânea de Rupi Kaur (2017) vista em seu livro *Outros jeitos de usar a boca*, reflete e amplia as teorias de gênero de renomadas autoras, como Beauvoir, Éstes e Ribeiro, inserindo-se em um contexto literário e social que busca desafiar as imposições de gênero, empoderar as mulheres e valorizar a voz das experiências femininas.

Para isso, foi usada a teoria de Alfredo Bosi, na obra *O ser e o tempo da poesia*, que, ao discutir a literatura como forma de expressão cultural, nos lembra da relevância da arte na exploração de identidades. Logo, a poesia de Kaur é um exemplo disso, pois utiliza a linguagem poética para representar a experiência feminina em um contexto contemporâneo. Visto dessa forma, Kaur se utiliza de construções de identidade que conversam com a teoria de Simone de Beauvoir, teorizando a ideia de que "ninguém nasce mulher: torna-se mulher" (Beauvoir, 2017, p.9), destacando a construção social de gênero e, então, a emancipação feminina como imprescindível. Nesse momento também se encaixa a fundamentação de Pierre de Bourdieu, que descreve como as estruturas de poder perpetuam a dominação masculina, sendo este pressuposto desafiado pela poesia de Rupi Kaur.

Desse modo, os conceitos contemporâneos de Gayatri Spivak e de Djamila Ribeiro acerca da voz e do lugar de fala dos subalternos, como são as mulheres, elucidam as poesias estudadas nos últimos capítulos deste artigo, chamando a atenção para a necessidade de viabilizar a voz dos grupos subalternizados. Ademais, a poesia de Kaur se mostra como um veículo para enunciar experiências e demandas femininas, especialmente daquelas que enfrentam múltiplas formas de opressão e que lutam contra isso, ampliando o diálogo sobre a interseccionalidade

Building the way

das opressões.

No livro *Outros jeitos de usar a boca* de Rupi Kaur, ao explorar os processos político/sociais que perpassam a vida da mulher, desde a infância até a maturidade, as palavras poéticas de Kaur emergem questões profundas relacionadas à identidade, à sexualidade, ao abuso, ao trauma e à cura. Este trabalho poético não apenas reflete as teorias e as experiências das mulheres, mas também atua como uma forma de arte que ressoa uma expressão de resistência contra o patriarcado e contra as inúmeras injustiças que surgem a partir deste. Assim, os poemas de Kaur transcendem fronteiras culturais e linguísticas, proporcionando um espaço para mulheres, de diversas origens, se identificarem com os processos do ciclo de vida explorado pela autora, a partir uma narrativa simbólica da jornada universal das mulheres em busca de autodescoberta, de autenticidade e de empoderamento.

Nesse sentido, Rupi Kaur se alinha com as teorias feministas e literárias mencionadas anteriormente, ampliando as discussões sobre o espaço social e a experiência da mulher na sociedade contemporânea, lembrando-nos da importância de desafiar os padrões de gênero, de valorizar a autonomia das mulheres e de oferecer um espaço para que as vozes femininas sejam ouvidas e reconhecidas. Seu trabalho poético ocupa o papel da arte e da literatura, atuando como uma grande ferramenta para a expressão das mulheres na sociedade, dessa maneira, sendo possível construir uma sociedade mais consciente e mais equitativa.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kuhner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

KAUR, Rupi. **Outros jeitos de usar a boca**. Tradução de Ana Guadalupe. 1. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

Building the way

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala.** Belo Horizonte: Pólen Produção Editorial, 2019.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.